ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2178.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

REFLEXÕES SOBRE A MORTE A PARTIR DA ANALÍTICA EXISTENCIAL DE MARTIN HEIDEGGER EM SER E TEMPO

REFLECTIONS ON DEATH FROM THE PERSPECTIVE OF THE EXISTENTIAL ANALYTIC OF MARTIN HEIDEGGER IN *BEING AND TIME*

Daphine Rolim Veloso[1]

[1]Psicóloga pela Universidade Estadual do Maranhão. Mestra e Doutoranda em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador. Email: daphinerolim@gmail.com.

Recebido: 30/04/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: Neste texto, reflito sobre a morte a partir de experiências pessoais que marcaram minha vida. Meu primeiro contato aconteceu ainda na infância, em um velório na casa dos meus avós, quando a morte me parecia algo assustador e difícil de compreender. Com o tempo, essa percepção foi mudando, tornando-se uma presença mais silenciosa, porém constante. Na vida adulta, ao presenciar o sofrimento de outras pessoas diante da perda, percebi que a morte não revela apenas a ausência de alguém, mas também sentimentos como culpa, arrependimento e a consciência da própria finitude. Cada reação expressa, de alguma forma, o impacto de reconhecer que a vida é limitada. Essa compreensão se tornou ainda mais concreta quando enfrentei um risco real de morte durante o parto do meu filho. A partir disso, passei a entender que a morte não é apenas um fim distante, mas uma possibilidade que acompanha a existência. Desse modo, pensar sobre a morte não significa focar no fim, mas compreender melhor a vida, assumindo com mais consciência as escolhas que fazemos.

Palavras-chave: Finitude. Experiência. Consciência.

ABSTRACT: In this text, I reflect on death based on personal experiences that have marked my life. My first encounter with it happened in childhood, at a wake held in my grandparents' house, when death seemed something frightening and difficult to understand. Over time, this perception changed, becoming a quieter yet constant presence. In adulthood, as I witnessed the suffering of others in the face of loss, I realized that death reveals not only the absence of someone, but also feelings such as guilt, regret, and an awareness of one's own finitude. Each reaction expresses, in some way, the impact of recognizing that life is limited. This understanding became even more concrete when I faced a real risk of death during the birth of my child. From that moment on, I came to understand that death is not only a distant end, but a possibility that accompanies existence. Thus, thinking about death does not mean focusing on the end, but rather understanding life more deeply, and making our choices with greater awareness.

Keywords: Mortality. Experience. Awareness.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

INTRODUÇÃO

Desde cedo, a morte se inscreveu na minha trajetória não como uma ideia abstrata, mas como uma experiência vivida, capaz de provocar inquietações e transformar percepções. Ao longo do tempo, diferentes acontecimentos foram moldando minha compreensão sobre sua presença constante e inevitável. É a partir dessas vivências que este relato se constrói, buscando refletir sobre como o contato com a finitude revela não apenas o sentido das perdas, mas também amplia a consciência sobre a vida, suas escolhas e seus limites.

DO CONTATO COM A MORTE

> *"Cumpriu sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre"* (Ariano Suassuna)

A primeira vez em que recordo de ter me deparado com a morte foi ainda na infância. Um caixão no centro da sala ampla da casa onde cresci: a residência dos meus avós, onde passei a viver desde os oito anos após a separação dos meus pais. Quem ali estava era a irmã da minha avó materna, que partira após um longo período de doença. Sempre ouvi dizer que era depressão.

O quarto em que ela passou seus últimos meses carregava, para mim, uma aura de mistério e temor. Quando criança, ao passar pelo corredor que levava até ele, sentia o coração acelerar. A morte era um monstro invisível: não mordia, mas paralisava.

Ainda hoje, já adulta, ao fitar o espaço onde foi realizado o velório, algo em mim silencia. O tempo passou, mas a presença da morte ali permanece, não mais como assombro, mas como uma sombra que nunca se dissipa por completo.

Da segunda vez em que estive tão perto da morte foi em um velório abafado de fim de tarde. Eu já era adulta. O corpo no caixão parecia dormir, mas a sala estava acordada demais, nervosa demais. Os filhos estavam ali, diante do fim. Três homens crescidos, cada um diante da morte como se fosse a primeira vez. Vi naqueles gestos e palavras, ou na ausência delas, algo que não me era tão externo. Eram confissões.

Um deles chorava compulsivamente, os olhos vermelhos, uma fala entrecortada e uma espécie de confissão pública. Dizia coisas como*:* "Eu devia ter vindo mais vezes"*,* "Achei que teria mais tempo", “Me perdoa!”. Carregava culpa como se estivesse em um tribunal. Ali, me dei conta de algo: a morte escancara a possibilidade do que poderíamos ter feito e não fizemos. A culpa não é tanto pelo outro que morreu, mas por nós que ainda estamos vivos, conscientes, e sabemos que poderíamos ter sido mais presentes.

O irmão do meio estava em um pranto inconsolável. Gritava, batia na parede. E dizia compulsivamente: "E agora, o que vai ser de mim?"*.* Era como se a morte alheia tivesse exposto brutalmente a sua própria finitude. Um abismo que se abriu sob seus próprios pés.

O mais velho não chorava. Andava de um lado para o outro, resolvendo questões práticas: documentos, detalhes do enterro; onde fica o café, a água. A cada minuto, alguém o chamava, e ele respondia com a firmeza de quem "precisa dar conta". Ele não olhava o corpo com frequência. Olhava os vivos, como quem quer impedir que a estrutura desmorone. Mas, de tempos em tempos, seus olhos vazavam. E era ali que eu via a verdade: por trás da postura da força, havia angústia. A angústia do ser-para-a-morte. Fiquei em silêncio. Não sabia o que dizer. Tentei apenas ser presença.

Há aproximadamente dois anos e meio, estive diante da possibilidade real da finitude da minha própria existência. Passei por uma gestação de risco, que exigiu o uso contínuo de medicação e a realização frequente de exames de ultrassonografia para acompanhar a saúde do meu filho, ainda em meu ventre. Em um desses exames, foi detectado sofrimento fetal, o que levou à realização de uma cesariana de urgência.

Apesar de tudo, eu me sentia calma. Algo dentro de mim dizia que tudo terminaria bem. No entanto, minha família estava muito apreensiva. Minha mãe, em especial, recorda que, durante esse período de tensão, um banner com a minha imagem começou a balançar repentinamente, embora não houvesse qualquer entrada de ar no ambiente. Isso aumentou ainda mais o sentimento de temor entre eles.

No dia da cirurgia, logo após a aplicação da anestesia, comecei a sentir uma forte tontura e sinalizei para o anestesiologista. Nesse breve intervalo, tive a sensação de enxergar a vida diante de mim: eu acabara de dar à luz a um

menino lindo, que chorava e estava bem, apesar de ter nascido prematuro. No entanto, a partir desse momento, tudo apagou, não senti nada, não lembro de nada. Talvez a morte seja assim: o não sentir, um desligar lento e silencioso da consciência

Mais tarde, fui informada que tive uma hemorragia grave, em decorrência da eclampsia e desmaiei. Por uma graça, que não consigo explicar, sobrevivi.

A morte é uma certeza que acompanha silenciosamente a humanidade, mas carrega paradoxalmente, a marca da imprevisibilidade: estamos em uma fila, mas não sabemos quem será o próximo. Heidegger (2005) escreve que a morte se apresenta como um acontecimento conhecido, dentro do mundo. E, desse modo, ela permanece envolta na não-surpresa.

Está presente nos mais diversos contextos da experiência humana: seja uma ausência, ruptura ou lembrança. Martin Heidegger (2005, p.28) afirma que "a morte é um fenômeno da vida. Deve-se entender vida como um modo de ser ao qual pertence um ser-no-mundo".

Ou seja, falar sobre a morte é, inevitavelmente falar sobre a vida, pois é a consciência de um fim no plano terreno que inaugura a angústia existencial. É a finitude que confere densidade ao tempo e urgência às escolhas. É porque sabemos que vamos morrer que começamos, de fato, a perguntar: como viver?

É nesse desvelar que o ser-no-mundo se dá conta dessa abertura para o saber acerca do fato da morte. Heidegger (2005, p. 33) afirma que "é na disposição da angústia que o estar-lançado na morte se desentranha para a pre-sença de modo mais originário e penetrante". A angústia com a morte é uma abertura que ocorre ao ser-no-mundo, lançado à existência e que reconhece que a pre-sença existe para seu fim. Assim como exemplificado no relato que compartilhei do velório e da atitude de um dos irmãos que reconhece na morte de seu ente querido a sua própria finitude.

Assumir a postura do angustiar-se vai na contramão do domínio público, já que é dado que pensar na morte é considerado um temor covarde, uma fuga – quando na verdade a via é contrária. "Angustiando-se com a morte, a pre-sença é colocada diante da possibilidade insuperável, a cuja responsabilidade ela está entregue" (Heidegger, 2005, p.36).

A morte é uma possibilidade ontológica que o *Dasein* tem de assumir, mesmo que ao experimentar a morte/ perda de outra pessoa, não temos acesso

ao tal sofrido por quem morre, não fazemos a experiência da morte, mas podemos nos dar conta de nossa finitude. Com outras palavras, não existe a possibilidade de substituição, por mais que se esteja perto: ao tentar compreender o morrer, muitas vezes se está falando mais sobre a “vida” do que propriamente do morrer.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**: Parte II**.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia, 6**: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005